

## Memória, Narrativa e Experiência – O Diário do Americano Edward Watkinson Wells sobre a Madeira

### Memory, Narrative and Experience – The Journal of the American Edward Watkinson Wells about Madeira

Susana Caldeira<sup>1</sup>

#### Resumo

Talvez pela sua escrita mais insípida, o diário de Edward W. Wells não tenha sido estudado até à data – ou de tal não temos conhecimento. Nas inúmeras leituras que fizemos sobre literatura de viagens, encontrámos duas ou três referências ao documento, o que comprova que é um diário conhecido dos estudiosos desta temática ou das narrativas estrangeiras que versam sobre a Madeira, apesar de não ter suscitado especial curiosidade o seu estudo. Resultando o nosso interesse da tradução, que recentemente fizemos para português, do referido diário, este ensaio pretende analisar o diário do americano Edward Watkinson Wells: *Uma Viagem à Madeira (1836/1837)*, na perspetiva da memória individual e coletiva, não descurando os conceitos de temporalidade e experiência, imperativos para a compreensão de uma narrativa de viagem e da sua importância na construção da historiografia insular. Na mesma linha de análise, importa-nos compreender a experiência

---

<sup>1</sup> Mestre pela Universidade da Madeira em 2005, estudou Cultura e Literatura Anglo-Americanas e focou a sua pesquisa na emigração madeirense para o Hawai'i, fazendo uso do diálogo fértil entre múltiplas ciências como a História, a Sociologia, a Antropologia, a Etnografia, etc., para explorar temas como mobilidade, identidade, alteridade, preconceito, racialização, aculturação, entre outros: CALDEIRA, Susana, 2010, *Da Madeira para o Hawai'i: A Emigração e o Contributo Cultural Madeirense*, Coleção Teses, n.º 7, Centro de Estudos de História do Atlântico, Funchal. Os seus interesses focam-se, sobretudo, no âmbito da cultura e literatura insulares e tem revelado alguma pesquisa sobre o papel da mulher nas migrações. Tem vários artigos publicados. Está, atualmente, a desenvolver o Doutoramento na Universidade da Madeira, na área das Literaturas e Culturas Insulares. É investigadora no Centro de Estudos de História do Atlântico – Alberto Vieira | Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira, membro do CEC (Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa) e Investigadora Associada do Projeto Colour of Labour: The Racialized Lives of Migrants (Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa). Contacto: [susana.coc.caldeira@madeira.gov.pt](mailto:susana.coc.caldeira@madeira.gov.pt).

de alteridade: o encontro com o *outro*, o olhar estrangeiro e observador que é lançado sobre o *outro*, o objeto observado, e entender o motivo pelo qual este *outro* é digno de registo.

**Palavras-chave:** Narrativa de Viagem; Diário; Madeira; Memória; Experiência.

### **Abstract**

Perhaps because of its more insipid writing, Edward W. Wells' journal has not been studied until today – or we simply are not aware of it. In the numerous readings we did on the subject, we found two or three references to this document, which proves that it is known among scholars who study travel literature or foreign narratives dealing with Madeira Island. Having recently translated this journal into Portuguese, it aroused our curiosity and that is the main reason this essay aims to analyse the Journal of the American Edward Watkinson Wells: *A Journey to Madeira (1836/1837)*, from the perspective of individual and collective memory, not forgetting the concepts of temporality and experience, imperative for the understanding of travel narrative and of its importance in the construction of insular historiography. In the same line of analysis, it is important for us to understand the experience of alterity: the encounter with the *other*, the foreign and observer gaze that is cast on the *other*, the observed object, and understand the reason why this *other* is worth recording.

**Keywords:** Travel Narrative; Journal; Madeira; Memory; Experience.

Diz-se dos relatos de viagem que são tão antigos como a própria viagem ou tão antigos como a escrita. São inúmeros os estudos dedicados especificamente à literatura de viagem que atestam que estas narrativas existem desde a antiguidade, desde que as pessoas – mercadores, militares, exploradores, religiosos – se deslocavam pelos mais variados motivos, descrevendo povos e culturas diferentes, terras e paisagens únicas, e satisfazendo depois a humana curiosidade dos seus conterrâneos quando, no regresso, partilhavam a sua experiência. Estes relatos tornavam-se, assim, fontes privilegiadas para o conhecimento daquilo que para os viajantes era o *diferente*.

Num artigo interessante, em que Oana Cogeanu identifica e descreve as características da literatura de viagem como um género literário, a autora refere, por exemplo, *A História das Guerras Persas* (aproximadamente 440 a.C.) de Heródoto, a *Geografia* (cerca de 23 d.C.) de Estrabão, o *Guia para a Grécia* (cerca de 170 d.C.) de Pausanias, o relato da freira Egeria que, no século V, empreende uma viagem de peregrinação à Terra Santa, para mais tarde, já no século XIII, referir as extraordinárias narrativas de Marco Polo e no século XV as de Colombo<sup>2</sup>. Poderíamos acrescentar tantos nomes sobejamente conhecidos dos relatos das viagens oceânicas de

---

<sup>2</sup> COGEANU, 2014, «What Makes Travel Literature?», p. 2.

exploração e conquista do século XVI, como Pero Vaz de Caminha, Álvaro Velho, Luís Vaz de Camões ou Fernão Mendes Pinto. Se nos quiséssemos cingir aos ilustres visitantes que já nos séculos XVII e XVIII registavam as suas viagens e observações objetivamente sobre o arquipélago da Madeira, poderíamos ainda referir Jean Barbot, Ovington e James Cook, para citar apenas alguns. Mas é, sobretudo, no século XIX que aparece uma quantidade considerável de diários, relatos científicos, guias, textos epistolares e relatos de viagem, fruto da intensificação das ligações marítimas, da evolução ou melhoramento dos meios de transporte navais, da proliferação de expedições científicas e, não de somenos importância, do eco de relatos anteriores que, um pouco por todo o mundo, aguçavam a curiosidade dos leitores pela convocação do exótico, do diferente.

Qualquer madeirense, seja um académico ou um mero curioso, que se dedique a conhecer a História da ilha da Madeira nos mais variados campos do conhecimento ou de estudo, tropeçará, a certa altura, nas narrativas de viagem dos inúmeros estrangeiros que visitaram a ilha. Fonte inequívoca de memória, reconhecemos a importância destes registos para o estudo da ínsula, no que diz respeito à etnografia, antropologia, geografia, arquitetura, turismo, economia, sociologia, literatura, etc., como instrumentos auxiliares de reconstrução da historiografia de cada ciência e, conseqüentemente, da reconstrução da própria História Insular. Daí concordarmos com Maria dos Remédios Castelo Branco quando, em dois artigos interessantíssimos onde aborda os testemunhos de viajantes estrangeiros sobre a Madeira, afirma que:

«é nessa profusão de páginas e também nas ilustrações que as acompanham que o panorama madeirense se desdobra em múltiplos aspectos de observação, o conhecimento dos quais se torna indispensável para os estudiosos da sua história, da sua evolução económica e social»<sup>3</sup>.

E ainda:

«neles [nos testemunhos de viajantes estrangeiros] encontramos uma fonte historiográfica e sociológica de enorme valor, pela variedade de informes que nos prestam, pelos quadros, notaçãõ de ambientes e situações sociais que fizeram chegar até nós»<sup>4</sup>.

É sabido que não é pacífica a discussão sobre a aceitação dos relatos ou diários de viagem como um género literário. Embora não seja nosso intento, no espaço deste ensaio, aprofundar esta contenda, é facto assumido que grande parte dos estudiosos ultrapassaram as questões de legitimação da literatura de viagem como fonte documental: o viajante-autor que, ao longo dos séculos registou o que viu,

<sup>3</sup> CASTELO BRANCO, 1989, «Testemunhos de Viajantes Ingleses sobre a Madeira», p. 205.

<sup>4</sup> CASTELO BRANCO, 1990, «Perspectivas Americanas da Madeira», p. 199.

transmitiu para a posteridade, através da própria observação, o conhecimento de uma determinada época e um olhar sobre o *outro*, à luz daquilo que seria também a sua própria vivência e bagagem cultural. Por sua vez, dificilmente argumentará o teórico literário sobre a ficção e a verosimilhança – enquanto representação do real – que muitas destas narrativas podem representar, na medida em que o mesmo viajante-autor ao narrar, fá-lo de acordo com a sua visão, a sua perspectiva, a sua própria experiência, transformando o ato de observar em texto escrito, portanto, em argumento narrativo.

De igual forma, o estrangeiro que se debruce sobre este tipo de literatura, encontrará um manancial de informação e de detalhe que permitirá melhor conhecer ou estudar este espaço insular, a sua cultura, a sua história e as suas gentes, podendo, eventualmente, descortinar uma análise comparativa entre o país de origem do viajante-autor – ou até mesmo do próprio leitor – e o destino visitado. Em suma, existe uma quantidade infindável de possibilidades de investigação e de exploração destes documentos, abrindo caminhos para futuros trabalhos.

Quando, em 1981, António Aragão propõe um estudo sobre os testemunhos escritos pelos estrangeiros que visitaram a Madeira, confessa a dificuldade em sistematizar a considerável quantidade de informação espalhada pelos arquivos e bibliotecas insulares. De acordo com os critérios adotados pelo autor na sua seleção, reuniu, mesmo assim, 145 volumes que esquematizou por centúrias (do século XV ao século XX) e idiomas (Inglês, Francês, Alemão e Italiano) num intervalo temporal que vai desde o ano de 1455 até 1966. Ao fazer uma leitura desta recolha, escreveu:

«Verificamos de começo o aparecimento de três livros italianos, correspondendo, de facto, ao recuado contacto que muitos italianos mantiveram com a Madeira. Depois, a partir do séc. XVIII, a esmagadora quantidade de livros ingleses testemunha nitidamente o interesse e a predominância dos súbditos britânicos nas terras insulares. Em seguida, um certo cosmopolitismo livresco aparece desde o séc. XIX sem, contudo, ensombrar a avalanche inglesa e toma forma mais acentuada sobretudo no campo das ciências naturais»<sup>5</sup>.

Somos levados a crer que os «livros ingleses», porém, contemplavam também os americanos entre os quais se encontram nomes de destaque, como é o caso de Charles Wilkes (1852), John Dix (1851) ou Charles March (1856), para mencionar apenas alguns dos que já foram objeto de estudos aturados por parte de investigadores que se debruçaram sobre estas temáticas.

---

<sup>5</sup> ARAGÃO, 1981, A Madeira Vista por Estrangeiros: 1455-1700, p. 19.

Tendo em comum a língua, os relatos britânicos e americanos podem assemelhar-se nos objetos de observação: a cidade, a ilha, as gentes e os costumes. Contudo, é curioso perceber que os americanos diferem dos primeiros na forma como descrevem estes aspetos socioculturais de uma ilha que lhes suscita a curiosidade, e por vezes a estranheza, o horror ou o espanto, mas raramente o sentimento de superioridade gerador também de preconceito. Baseados nas leituras que fizemos da literatura de viagens de autores britânicos e americanos, acabámos por ir, novamente, ao encontro de Maria dos Remédios Castelo Branco quando afirma que

«esses testemunhos [americanos] são prestados por homens com uma mentalidade diferente da dos habituais viajantes europeus, com outra abertura, outra compreensão das pessoas e das coisas e, ao mesmo tempo, uma capacidade de apreciação não preconceituosa, liberta do superior saber e saber ser a que especialmente nos habituaram os viajantes ingleses»<sup>6</sup>.

A literatura de viagem sobre a Madeira tem sido amplamente estudada ou, pelo menos, citada em vários campos do conhecimento e dos estudos sobre a ínsula (ensaios académicos e científicos, ou mesmo teses de mestrado e doutoramento em áreas distintas como o turismo, a literatura e a cultura, os estudos regionais e locais, a história, a arquitetura, etc.), permitindo uma avaliação da evolução cronológica dos mais variados aspetos da vida insular e possibilitando, acima de tudo, a preservação da memória cultural deste espaço ilhéu.

Do que nos foi possível apurar, o formato preferido destes estudiosos é o diário de viagem, onde são registadas as impressões e observações recolhidas pelos estrangeiros que estiveram neste arquipélago de passagem, de visita ou que aqui residiram temporariamente. Estes diários apresentam-se de várias formas: desde o anotar insípido ou desprezioso de observações e experiências, sem as preocupações narrativas de quem escreve para si próprio, para sua memória futura, passando pelo registo epistolar que, revestido do interesse que este género facilmente incute no leitor, empresta, ao mesmo tempo, mais autenticidade aos factos narrados, até às narrativas mais cuidadas, que se acreditam ser mais ficcionadas porque se destinam, desde a sua génese, à divulgação/publicação e, por isso, se querem mais cativantes.

Por mais diferentes que sejam na apresentação das suas estruturas formais, estes diários apresentam, na nossa análise, características comuns inegáveis:

(1) **a existência da viagem:** um imperativo, senão a razão de ser do próprio relato. Aliás, como tão bem referiu Maria do Céu Fraga: «exige-se destas obras apenas que o seu centro seja ocupado por uma viagem, isto é, que o seu sentido se construa à

---

<sup>6</sup> CASTELO BRANCO, 1990, «Perspectivas Americanas da Madeira», p. 453.

volta da deslocação no espaço, quer seja narrada em pormenor, quer constitua apenas um pretexto para divagação do seu autor»<sup>7</sup>. A viagem implica mobilidade e, no caso em estudo, a saída do país de origem para o de destino que, muito particularmente, é uma ilha, o que só por si desperta o imaginário e o fascínio do exótico. Importa afirmar que esta viagem não significa apenas uma deslocação geográfica, mas é também uma deslocação cultural e social, que se vai (des)construindo através da lente do observador, resultando numa narrativa que é, portanto, o produto do modo como este observador viu o *outro* e o espaço que o rodeia;

(2) **a presença textual do autor/narrador** que, se por um lado é garante – ou dele se espera – de objetividade, uma vez que é o observador direto que regista os resultados da própria observação, por outro lado a subjetividade é inevitável: este viajante-autor, como atrás se disse, tem um olhar formatado pela cultura de origem, ou seja, é portador de uma vivência sociocultural que influencia necessariamente o modo como olha para o *outro* e para o meio que o envolve. Mesmo nesta oscilação entre a objetividade e a subjetividade, certo é que o viajante-autor usa, na primeira pessoa, o seu olhar e a sua voz para refletir as suas perceções individuais, para criar o argumento narrativo onde espelha a *sua* representação do real observado;

(3) **são narrativas escritas para serem lidas** porque todo o relato escrito pressupõe um leitor. E lidas, se não por um público generalizado, pelo menos por um público-alvo previamente determinado pelo autor ou, tão simplesmente, para serem lidas posteriormente pelo próprio autor num exercício de recordação ou revitalização da experiência. Na verdade, são diferentes as motivações do viajante-autor ao escrever os seus relatos de viagem, como são diferentes os públicos para os quais os projeta. Em qualquer dos casos, o viajante-autor cria um argumento que, por ser subjetivo, pode distorcer a descrição exata da realidade. No entanto, essa subjetividade, traduzida em falta de veracidade, nunca põe em causa a existência real de uma narrativa. Muitas vezes, é através da leitura destas narrativas que tantos outros encontram inspiração para a realização das suas viagens e para registos similares, enriquecendo os acervos documentais que preservam a memória insular (no nosso caso) e garantem a memória futura;

(4) **a experiência e a memória:** indissociáveis uma da outra, a experiência do viajante, no seu contacto com o *outro*, transformar-se-á, através da escrita (com maior ou menor grau de ficcionalidade), na construção da sua memória individual que, por sua vez, se apresentará no futuro, ao público leitor. Não esquecendo os respetivos

---

<sup>7</sup> FRAGA, 2011, «Literatura de Viagens: Quando Nós Somos o Outro», p. 394.

contextos histórico-literários, essas memórias acabam por tornar-se em coletivas, uma vez que fazem parte e retratam, ainda que através de uma subjetividade do passado, épocas, espaços, gentes e costumes que compõem a identidade insular, preservando a memória do passado no futuro<sup>8</sup>;

(5) **a temporalidade** e o modo como este fator pode interferir na autenticidade das narrativas. O *tempo* em que o viajante-autor escreve (durante, algum ou muito tempo depois da viagem e dos acontecimentos) é crucial: ele estará a narrar no momento da observação ou estará a confiar na memória que tem da experiência vivida? O fluxo temporal pode pôr em causa a veracidade e, por conseguinte, provocar alterações na identidade que se quer retratar, confirmando a subjetividade inerente à experiência e à memória<sup>9</sup>;

(6) **a alteridade**, esse estado de ser *outro*, tão discutido no dialogismo de Mikhail Bakhtin, ganha uma importância extrema na literatura de viagem, campo fecundo para a descoberta do *outro* e para as reflexões sobre as representações que sobre o *outro* são feitas. Estando o conceito do *outro* (do estrangeiro) tão intimamente ligado ao tema da viagem, estas produções textuais relatam exatamente a experiência de contacto com o *outro* e da construção de um olhar sobre o *outro*. O viajante olha para o mundo do *outro*, é sobre este *outro* que incide a sua observação e a sua curiosidade, é este *outro* que é registado na sua escrita. E, neste contexto, não nos podemos esquecer que nesta relação do *eu* (visitante) com o *outro* (estrangeiro), tanto o observador como o observado pertencem a uma memória cultural, a uma identidade que pode ser reavaliada no exercício da alteridade.

Posto isto, acreditamos que deixámos clara a nossa posição ao concordar que as narrativas de viagem de estrangeiros que passaram ou residiram na Madeira se edificaram como manifestações literárias de considerável importância social e histórica para a memória cultural deste arquipélago. Resultantes de uma visão do *outro*, estes documentos testemunham épocas que se apresentam, indubitavelmente, como foco de interesse para os estudos insulares. Neste ensaio, pretendemos analisar o diário de Edward Watkinson Wells na perspetiva da memória individual e coletiva, não descurando os conceitos de temporalidade e experiência, imperativos para a compreensão de uma narrativa de viagem e da sua importância na construção da historiografia insular. Na mesma linha de análise, importa-nos compreender a experiência de alteridade: o encontro com o *outro*, o olhar observador que é lançado

---

<sup>8</sup> Cf. NOVA, 1998, *Les Lieux de Mémoire*, p. 11.

<sup>9</sup> Cf. KORTE, 2008, «Chrono-Types: Notes on Forms of Time in the Travelogue», p. 42.



sobre o *outro*, o objeto observado, e entender o motivo pelo qual este *outro* é digno de registo.

Não temos conhecimento da existência de qualquer estudo em particular sobre este diário de Edward Watkinson Wells, embora se encontrem algumas (poucas) referências ao mesmo, no contexto de outros trabalhos desenvolvidos por académicos. Acreditamos que a falta de curiosidade que este diário suscitou possa dever-se a uma escrita insípida, com lacunas, com registos ora demasiado curtos, ora demasiado longos e de apenas relativo interesse quando comparado com outros diários conhecidos e já muito estudados e citados, sobretudo dentro desta temática da visão sobre a Madeira na literatura estrangeira.

Foi numa alfarrabista que descobrimos uma fotocópia deste diário, feita a partir do manuscrito original, antes mesmo de sabermos da existência de uma versão datilografada, possivelmente nos anos 60 ou 70 do século XX, já que se lia na referida cópia, uma nota manuscrita: «Presented to the English Rooms<sup>10</sup> by Mr James Hayden Wells<sup>11</sup> – October 14<sup>th</sup>, 1967». É apenas nesta versão datilografada<sup>12</sup> que alguém cria uma espécie de página de rosto, onde se pode ler: «A Trip to Madeira – October 28, 1836 to June 25, 1837; The Journal of Edward Watkinson Wells (1819-1898)». Apesar de termos envidado alguns esforços para tentar descobrir o paradeiro do documento original, não fomos bem-sucedidos. Soubemos, porém, da existência de outros diários, com datas anteriores e posteriores, depositados na Universidade de Yale e na Connecticut Historical Society, em Hartford, nos Estados Unidos da América. Estes diários, apesar de não caberem no âmbito do estudo que agora propomos, reconhecem-se como ferramenta útil para melhor conhecer o autor, os seus interesses pessoais, a sua relação com o meio familiar e social e até as suas impressões de viagens a outros destinos.

---

<sup>10</sup> *English Rooms* ou *English Reading Rooms*. Conhecido entre os madeirenses como Clube Inglês, fundado em 1832, continha uma biblioteca e sala de jogos destinados à comunidade residente e aos *invalids*, que ali podiam encontrar jornais, revistas e uma boa quantidade de livros. Tratava-se de um clube privado ao qual os estrangeiros poderiam aceder mediante o pagamento de uma quota semestral de 15 dólares. Tanto os *English Reading Rooms*, como o Consulado Britânico, situavam-se na antiga Rua dos Ingleses, hoje conhecida como Rua da Alfândega, entre a Alfândega e o Palácio de São Lourenço. Cf. MATOS, 2016, *A Arquitetura do Turismo Terapêutico, Madeira e Canárias, 1800-1914*, p. 49; ALVES, 2020, «Gabinetes de leitura».

<sup>11</sup> Trata-se de James Hayden Wells, II, sobrinho neto de Edward Watkinson Wells. Era o neto de um seu irmão mais velho: James Hancox Wells, II (1817-1872) e de Susan Ann Hayden (1811-1890). Vd. William Wells Family Papers, Call Number: MS 546.

<sup>12</sup> WELLS, PERRY, 1971, *Madeira Fragments*.



Numa análise aturada ao conteúdo dos arquivos da Universidade de Yale<sup>13</sup>, no que à família William Wells<sup>14</sup> diz respeito, percebemos que existe uma imensa quantidade de papéis relativos aos parentes de Edward, tanto homens como mulheres. Entre os papéis dos homens, encontram-se, sobretudo, documentos financeiros, árvores genealógicas, correspondência de negócios, testamentos, inventários de propriedades, recortes de jornais, daguerreótipos, desenhos, etc. Entre os das mulheres, encontram-se diários, cartas dirigidas a outros membros da família onde se discutem assuntos familiares, as suas vidas diárias, eventos sociais, filhos, doenças, contas domésticas e outros aspetos da vida das mulheres no século XIX. Curiosamente, e ainda de acordo com o mesmo arquivo, as figuras que mais se destacam neste acervo são Jane Wells Howard Green (1808-1884), a irmã mais velha de Edward, o próprio Edward Watkinson Wells (1819-1898) e James Hancox Wells (1774-1857), seu pai.

Deste arquivo também fazem parte diários de cinco membros da família, sobretudo diários de viagens, tanto nos Estados Unidos da América como na Europa, de onde se destacam três volumes dos diários de Edward Watkinson Wells: uma viagem num barco a vapor à Flórida (ca. 1855-1860), sendo os outros dois volumes sobre o seu dia-a-dia em Hartford, Connecticut, onde vivia, com destaque para os anos de 1855 e 1860, bem como para o registo da morte do seu pai em 1857. Para além dos diários, existe um número considerável de desenhos e de correspondência familiar da autoria de Edward W. Wells.

Na contabilidade deste acervo do arquivo da Universidade de Yale não consta o diário sobre a visita de Edward à Madeira. A verdade é que fomos levados a concluir que existiriam mais diários, visto o autor ter esta tendência para relatar o seu dia-a-dia, tanto quando estava em viagem, como quando relatava a vida social e familiar do seu quotidiano normal. Por este motivo, investigámos outros arquivos onde considerámos poder encontrar mais material produzido por este autor, por acreditarmos ser muito provável que ele tenha mantido registos do seu quotidiano ao longo de toda a sua vida.

Foi através da tese de mestrado de Emily Leonard<sup>15</sup> que descobrimos a existência de dois outros diários da autoria de Edward Watkinson Wells que estavam depositados na Connecticut Historical Society, em Hartford, onde vivia a família<sup>16</sup>. Esta dissertação

---

<sup>13</sup> William Wells Family Papers, Call Number: MS 546.

<sup>14</sup> Segundo a mesma fonte, trata-se do Reverendo William Wells (1744-1827), fundador da família, que terá emigrado de Inglaterra para Brattleboro, Vermont, E.U.A., em 1793.

<sup>15</sup> LEONARD, 2015, *The Bard of Prospect Street*.

<sup>16</sup> A família de Edward vivia, mais precisamente, na Prospect Street, Hartford, Connecticut.

resume-se à transcrição, digitalizada e anotada (com uma explanação introdutória da autora), do diário de Edward respeitante ao período entre 1841 e 1851, quando o autor tinha vinte e poucos anos de idade. Trata-se de um diário com 466 páginas, onde o autor descreve, sobretudo, o seu quotidiano, bem como o da sua família alargada: as visitas da família, os eventos sociais, a sua predileção pelas árvores de fruta que cultivava no seu quintal, o estado do tempo, os passeios a cavalo, com a descrição dos trilhos que percorria pelos campos, etc. De acordo com Leonard, Edward vivia no seio de uma família muito rica<sup>17</sup> – o pai era banqueiro e negociante –, mas não se imiscuía nos negócios familiares. No diário, queixa-se muito de doenças ainda que seja difícil determinar se era um «quasi invalid» como o consideravam os pais que o retiraram da escola para que fosse ensinado em casa, pela mãe e irmãs, devido à sua saúde debilitada<sup>18</sup>. Como a autora da tese afirma, este diário reveste-se de importância pelo contributo histórico de uma época e de um local específico dos Estados Unidos da América.

Para nós, o diário em causa só é interessante na medida em que menciona a Madeira. Como referimos, Edward Watkinson Wells esteve na ilha entre 1836 e 1837, e é interessante perceber que manteve o contacto com pessoas que conheceu no Funchal e que sempre se interessou pelas notícias referentes ao arquipélago da Madeira. No seu diário de 1841-1851 a palavra *Madeira* aparece citada 48 vezes. O autor revela notícias enviadas a partir da ilha, refere-se, impressionado, à aluvião de 1842: transcreve um recorte de jornal a descrevê-la e volta a mencioná-la mais três vezes<sup>19</sup>. Refere-se também a pessoas que os visitavam para satisfazerem a sua curiosidade sobre a ilha<sup>20</sup>, da fome que a devastou com a crise da batata, em 1846, entre outras notícias.

O outro diário encontrado por esta autora na Connecticut Historical Society, em Hartford, era datado de 1832-1833, quando Edward teria apenas 12 ou 13 anos de idade. Ela só o menciona para, na abertura da sua tese de mestrado, usar uma citação que nos ajuda a perceber estes registos narrativos:

«I have been thinking for some time past that I would like to write a journal so that some time after if I kept it, I could look back with pleasure on the days when I wrote it»<sup>21</sup>.

---

<sup>17</sup> LEONARD, 2015, *The Bard of Prospect Street*, p. 7.

<sup>18</sup> LEONARD, 2015, *The Bard of Prospect Street*, p. 48.

<sup>19</sup> LEONARD, 2015, *The Bard of Prospect Street*, pp. 136; 137; 161; 205.

<sup>20</sup> LEONARD, 2015, *The Bard of Prospect Street*, pp. 270 e 305.

<sup>21</sup> LEONARD, 2015, *The Bard of Prospect Street*, p. 3.

Esta escrita de si e para si justifica o facto de Edward não ter grandes preocupações com o seu estilo e rigor narrativo. Trata-se de anotações espontâneas num tom absolutamente desprezioso. Ele quer apenas lembrar-se do que aconteceu, dos acontecimentos em si, sem que tenha especial preocupação em registar as suas reações diante de determinadas situações ou de interpretar outras. No fundo, escrevia os seus diários para um público muito específico: ele próprio, no tal exercício de recordação ou revitalização da memória da experiência vivida.

Foi neste contexto que analisámos o documento que aqui está em estudo. Edward estava à beira de completar os 17 anos (celebrados durante a viagem marítima, no dia 27 de novembro de 1836, tal como o próprio regista nesta narrativa<sup>22</sup>) quando começou a escrever o diário sobre a sua viagem à Madeira. Estranhamente, no seu passaporte, consta a idade de 19 anos e menciona ainda que era negociante de profissão<sup>23</sup>.

Edward Watkinson Wells inicia este seu diário de 121 páginas já no consulado americano<sup>24</sup>, sediado no Funchal, anunciando que começará por descrever alguns dos episódios relacionados com a partida da família de Harford, Connecticut. De facto, o autor começa por construir a sua narrativa recorrendo à memória individual que tem da sua própria experiência nesta situação concreta. Ao longo do diário o leitor percebe que este facto acontece com recorrência, ou seja, Edward constrói a sua narrativa com base na memória dos acontecimentos passados dias ou semanas antes porque as entradas não são diárias, daí algumas vezes omitir o nome de ruas, de navios ou de pessoas, deixando espaços em branco, porque se havia esquecido ou porque os queria recuperar e anotar posteriormente<sup>25</sup>.

O diário principia, então, com as despedidas da família e com os preparativos para a viagem a bordo do brigue *Odessa*. Na comitiva Wells, viajavam o senhor James Hancox Wells (1774-1872)<sup>26</sup>, com três dos sete filhos: Jane (1808-1884), que viajava com o filho Joseph, de apenas um ano de idade, Mary (1815-1887) e Edward (1819-1898). Como na grande maioria dos relatos deste género, a viagem marítima é descrita com

---

<sup>22</sup> WELLS, 1836-1837, *A trip to Madeira* [...], p. 6.

<sup>23</sup> WELLS, 1836-1837, *A trip to Madeira* [...], cópia acrescentada antes do diário propriamente dito.

<sup>24</sup> Trata-se do consulado americano, onde ficou hospedado com o pai. A parede sul do jardim do consulado americano dava para a Praça da Constituição, também conhecida como Passeio Público. Pelo que é dito em algumas publicações estrangeiras sobre a Madeira, acreditamos que se situava nas instalações atuais da Blandy's Wine Lodge. Cf. MARCH, 1856, *Sketches and Adventures in Madeira* [...], p. 36.

<sup>25</sup> WELLS, 1836-1837, *A trip to Madeira* [...], pp. 15, 20, 43, 52, 56, 57, 76, 117 e 119.

<sup>26</sup> Era viúvo. A mulher, Anne Watkinson, falecera a 26 de março de 1836. WELLS, 1836-1837, *A Trip to Madeira* [...], p. 68.

algum pormenor: os tripulantes, os outros passageiros, as tempestades, a comida de bordo, as espécies marinhas avistadas, a aproximação aos Açores e depois à Madeira. Curiosamente, à chegada à ilha da Madeira, o primeiro avistamento, não parece ter provocado em Edward o êxtase habitualmente descrito em quase todos os relatos<sup>27</sup> de viagem e tão bem defendido por Tolentino Mendonça quando diz que «o primeiro embate é de encantamento [...] é de emaravilhamento»<sup>28</sup>, no entanto, Edward diz-se impressionado com a costa que se ergue, inesperadamente, a partir da água, cortada por ravinas profundas que se lançam para o mar<sup>29</sup>.

A imprensa madeirense da altura, neste caso o periódico *A Flor do Oceano*, «a small Portuguese newspaper about the size of a sheet of foolscap printed here and published every Sunday»<sup>30</sup>, fez eco da chegada do *Odessa*:

«Dezembro 1 – Bergantim Americano *Odessa*, Capitão John Deming. 29 dias de New York, carga 50 barris de arroz, 56 caixões de vellas de Spermacete, 30 barris com carne, 75 barris com azeite de peixe, 9 caixas de chá, 20 barris com biscoito, 43 milheiros de aduela de pipa, de quarto e quartola, 5276 patacas e vários outros géneros – Consignado a Leal & Araújo»<sup>31</sup>.

Como se pode observar, não só era importante assinalar a chegada dos navios à Madeira, como também a carga que traziam com eles para abastecimento da ilha. Neste caso, sabemos que a firma Leal & Araújo tinha negócios com os Estados Unidos da América. Numa noite em que o Sr. Leal foi jantar ao consulado americano, Edward relatou, no seu diário, que o pai esteve com o seu sócio, o Sr. Araújo em Nova York<sup>32</sup>.

Só após a visita dos oficiais a bordo – para verificação dos papéis da tripulação e dos passageiros – é que era permitida a abordagem de outros navios e o desembarque para pequenos barcos que transportavam as pessoas até à praia, já que não havia um cais ou ancoradouro para o efeito. Neste e noutros diários, que tivemos oportunidade de ler, os remadores e os barqueiros<sup>33</sup> são elogiados pela sua força, robustez e destreza no momento do desembarque. Já na praia, esperavam os palanquins e as redes para transportar as senhoras. Estes meios de transporte são sempre alvo de comentários curiosos neste tipo de literatura. Edward descreveu-os detalhadamente, desenhou-os

---

<sup>27</sup> A título de exemplo, veja-se MANTEGAZZA, 2010, *Um Dia na Madeira*, p. 11; GONCHAROV, 2011, *A Fragata Pallada*, p. 9; HABSBURGO, 2011, *Memórias da Minha Vida*, pp. 18-20; SHORE, 1891, *Journal of Emily Shore*, pp. 294-297.

<sup>28</sup> MENDONÇA, 2017, *Desembarcar na Madeira – Guia ao Espanto Insular*, p. 1.

<sup>29</sup> WELLS, 1836-1837, *A trip to Madeira [...]*, p. 6.

<sup>30</sup> WELLS, 1836-1837, *A trip to Madeira [...]*, p. 28.

<sup>31</sup> *Flor do Oceano*, 1836, n.º 106, p. 4.

<sup>32</sup> WELLS, 1836-1837, *A trip to Madeira [...]*, p. 14.

<sup>33</sup> Vd. também GONCHAROV, 2011, *A Fragata Pallada*, pp. 110 e 135.

no seu diário<sup>34</sup> e deu especial atenção à passada rápida, ritmada e característica dos seus condutores<sup>35</sup>. Também as corsas puxadas por uma junta de bois são mencionadas muitas vezes pelo excesso de peso que carregam, pela sua utilidade no transporte de carga (pipas de vinho, barris de farinha, sacas de cereais, etc.), salientando o autor que os seus condutores, em vez de um chicote, usam um bastão com um prego afiado numa das pontas para espichar os animais e que todos transportam consigo um pano molhado que colocam sob a madeira da corsa quando esta não desliza<sup>36</sup>.

Na chegada ao Funchal, a família Wells é recebida pelo americano e viúvo William Maris. Embora não possamos perceber imediatamente a relação entre as famílias, acreditamos que se conheciam devido à proximidade que pareciam ter. Maris havia já destinado que, enquanto não alugassem a sua própria casa<sup>37</sup>, Edward e o pai ficariam alojados no consulado americano<sup>38</sup> e que Jane, o bebé e Mary<sup>39</sup> ficariam na sua casa de família – composta por ele, um filho ainda rapazito e pelas quatro filhas – onde já se encontrava John Howard, o marido de Jane, que estava na Madeira em negócios de vinhos há algum tempo e que, cerca de seis semanas antes, fora vitimado por uma grave hemorragia pulmonar. Acreditamos que Maris poderia tratar-se de um negociante que seria sócio de John Howard. No diário de Edward Watkinson Wells (1841-1851) os Maris são mencionados muitas vezes e Edward mantém um relacionamento próximo com a família mesmo após o regresso destes aos Estados Unidos e após a morte de William Maris, a 17 de setembro de 1845<sup>40</sup>.

Durante a sua estadia no Funchal, os Wells vão explorar a cidade e a ilha. No seu diário, Edward não vai eleger uma temática específica ou predominante, nem vai abordar algum assunto predileto. Faz, sim, um relato do seu quotidiano, num tom simples, natural e direto de observador que é. Tanto assim que ao nível da gastronomia, por exemplo, fala apenas dos frutos exóticos que provou, e dos primeiros

---

<sup>34</sup> WELLS, 1836-1837, *A trip to Madeira* [...], p. 69.

<sup>35</sup> WELLS, 1836-1837, *A trip to Madeira* [...], pp. 7, 8 e 9.

<sup>36</sup> WELLS, 1836-1837, *A trip to Madeira* [...], pp. 9 e 22. O pano é embebido em sebo e é atirado para debaixo do trenó, fazendo-o deslizar melhor sobre as pedras da rua.

<sup>37</sup> Era comum na época, os estrangeiros que estavam de visita prolongada – geralmente em negócios ou em convalescença das doenças de foro pulmonar –, alugarem uma casa na cidade. Cf. S.A., 1826, *Rambles in Madeira and Portugal in the early part of MDCCCXXVI*, p. 153.

<sup>38</sup> O cônsul americano era John Howard March que se encontrava na altura em Paris, sendo substituído pelo seu sócio e vice-cônsul americano, H. T. Burden. WELLS, 1836-1837, *A trip to Madeira* [...], p. 8.

<sup>39</sup> De acordo com o diário de Edward, no dia seguinte a sua irmã Mary mudou-se para a pensão da Sra. Hayward. O facto de nesta altura existirem já pensões que albergavam os estrangeiros, mostra que o turismo já se ia desenvolvendo na ilha da Madeira. A pensão da Sra. Hayward ficava situada na Rua de São Pedro. Vd. DRIVER, 1838, *Letters from Madeira in 1834* [...], Appendix 1; AGRELA, 2005, *Notas sobre a Madeira na Literatura de Viagens* [...], p. 79.

<sup>40</sup> LEONARD, 2015, *The Bard of Prospect Street*, p. 384.

morangos que comeu, das primeiras ervilhas (como se de um acontecimento se tratasse) e do café<sup>41</sup>, o melhor que já experimentou na vida e que era cultivado no jardim da casa onde estava a residir.

Numa leitura atenta do seu diário, percebemos que Edward tivera acesso a alguma literatura ou a algum guia de viagens sobre a Madeira, o que, aliás, era comum na época. Não só dá algumas estatísticas, tal como era hábito nesta espécie de relatos e guias (sobre o número de habitantes do Funchal, que rondava os 30 000<sup>42</sup>; sobre o preço dos animais, do vinho, da farinha, do sabão, do mel, etc.), como alude à lenda de Machim e Anna d'Arfet ao observar uns quadros pendurados no Palácio do Governador (curiosamente, aquando da visita a Machico não dá qualquer importância à lenda), como menciona, mais de uma vez, o tempo exato em que é suposto fazer-se um passeio (um passeio que é suposto fazer-se, por exemplo, em sete horas e que ele fez em dez), e como refere também aspetos da vida social madeirense sobre a qual teria de ter conhecimento prévio, por exemplo, da existência da famosa e formosa freira do Convento de Santa Clara, D. Maria Clementina<sup>43</sup>:

«When the change of government took place all the nuns who wished were allowed to leave the Convents. A few left and among the rest Donna Maria Clementina about whom so much has been written and said. She is at liberty and is at her father's in the city»<sup>44</sup>.

Por falarmos em freiras, Edward, como muitos dos estrangeiros que nos deixaram a sua visão sobre a Madeira, escreve sobre as visitas que fez ao Convento de Santa Clara (um convento muito rico onde teve a oportunidade de conhecer a freira Cândida Luiza, bonita, inteligente e alegre<sup>45</sup>), ao Convento das Capuchinhas («the most rigid and strict of all»<sup>46</sup>, onde se sabe que as freiras se vestem de uma

<sup>41</sup> WELLS, 1836-1837, *A Trip to Madeira* [...], p. 19. Quando partiu da Madeira, o cozinheiro do consulado ofereceu-lhe alguns ramos do cafeeiro com as bagas e também ramos em flor, de árvores jovens, tendo colocado os caules em batatas cruas. Também o Sr. Burden fez uma oferta de café do seu próprio jardim. Vd. WELLS, 1836-1837, *A Trip to Madeira* [...], p. 113. Também William, uma das personagens principais de Paolo Mantegaza faz um elogio semelhante quando diz ter bebido «uma chávena de café, como confesso nunca ter bebido em nenhuma parte da Europa, da África ou da América [...] tinha modestamente crescido no quintal do senhor que me oferecia a sua cortês hospitalidade», Cf. MANTEGAZA, 2010, *Um Dia na Madeira*, p. 23.

<sup>42</sup> WELLS, 1836-1837, *A Trip to Madeira* [...], p. 17.

<sup>43</sup> «Clementina (Maria). Freira do Convento de Santa Clara, muito admirada por nacionais e estrangeiros por causa da sua extraordinária formosura. [...] Maria Clementina era filha de Pedro Agostinho de Vasconcelos, e professou no convento de Santa Clara nos fins do primeiro quartel do século XIX, para satisfazer os desejos paternos. Faleceu no mesmo convento, contando mais de 60 anos de idade, a 16 de Maio de 1867». Cf. SILVA, MENESES, 1998, *Elucidário Madeirense*, vol. I, p. 273; DRIVER, 1838, *Letters from Madeira* [...], pp. 14-15, 17.

<sup>44</sup> WELLS, 1836-1837, *A Trip to Madeira* [...], p. 23.

<sup>45</sup> WELLS, 1836-1837, *A Trip to Madeira* [...], p. 65.

<sup>46</sup> WELLS, 1836-1837, *A Trip to Madeira* [...], p. 64.



forma muito rudimentar, mas nunca são vistas pelos leigos, e nas imediações do qual passaram por uma capela sob uma rocha saliente que era conhecida por Capela na Rocha<sup>47</sup>) e ao Convento da Encarnação («which is situated on the Mount road»<sup>48</sup>) onde conheceram uma freira que, apesar de não ser tão bonita nem parecer tão feliz como a senhorita Cândida Luíza, falava inglês). Edward impressiona-se com o facto de ser hábito entre os madeirenses enviar uma das filhas para um convento pela quantia de 400 dólares à entrada e outro montante igual posteriormente para que tomassem conta das meninas<sup>49</sup>.

Nestes conventos, os estrangeiros encontravam sempre algum artesanato produzido pelas freiras (flores de penas, almofadas para alfinetes) ou compotas de fruta para comprar. Estes produtos poderiam também ser adquiridos em bazares de beneficência que faziam por ajudar os mais necessitados ou as instituições que cuidavam de crianças pobres. Edward descreve a ida a um destes bazares que decorreu numa escola infantil, situada num prédio grande de dois andares, cedido pela rainha, perto do Campo da Barca, onde fez algumas compras. Na imprensa local lia-se o anúncio:

«Tendo-se fixado o dia 24 de Fevereiro, às 11 horas d'a manhã, no salão d'a Eschola d'Infancia, para a extracção d'o projectado bazar a benefício d'os Estabelecimentos sob protecção d'a Sociedade: – isto se anuncia a todas as senhoras e senhores, assim Nacionaes, como Estrangeiros, para que se dignem concorrer àquele acto quer na qualidade de oferentes, quer como compradores»<sup>50</sup>.

Para além dos bazares, Edward gostava também de passear-se pelos mercados, o de S. João, ou um outro mercado que se realizava todos os sábados num espaço aberto, perto da ribeira de Santa Luzia. Nestes mercados, o seu olhar não recaía tanto sobre o outro, o madeirense *vilão* que vendia os produtos, mas nos produtos em si, no seu tamanho e no modo como eram transportados. Causavam-lhe especial impressão os feixes de lenha, de galhos e canas e os barrotes de madeira que eram transportados à cabeça desde os campos até à cidade<sup>51</sup>.

Dos pobres camponeses Edward limitava-se a descrever as condições desfavoráveis em que viviam, deixando transparecer o seu lado empático: falava dos preços dos víveres que eram incomportáveis para as classes mais pobres; dos presos

---

<sup>47</sup> Refere-se à Capela das Almas ou Capela das Almas Pobres, ainda existente no Largo das Capuchinhas, freguesia de São Pedro. Cf. SILVA, MENESES, 1998, *Elucidário Madeirense*, vol. I, p. 49.

<sup>48</sup> WELLS, 1836-1837, *A Trip to Madeira* [...], p. 75.

<sup>49</sup> WELLS, 1836-1837, *A Trip to Madeira* [...], p. 76.

<sup>50</sup> *A Flor do Oceano*, n.º 4, Suplemento, 25 de janeiro de 1837, p. 2.

<sup>51</sup> WELLS, 1836-1837, *A Trip to Madeira* [...], p. 44.



da cadeia que passavam por dificuldades sérias<sup>52</sup>; dos homens e raparigas novas que transportavam grandes cargas à cabeça do campo para a cidade, mesmo em condições climáticas adversas<sup>53</sup>; das lavadeiras que lavavam as roupas nas ribeiras; descreve ao pormenor um moinho e o processo de uma cena a que assistiu de uma mulher a moer o trigo<sup>54</sup> e fala das mulheres do povo que se empregavam como criadas, enquanto as senhoras viviam vidas ociosas, passando o tempo nas varandas a ver o que se passava nas ruas. Aborda também algumas profissões características dos homens: os criados (muitas vezes preferidos às raparigas; no Consulado Americano, por exemplo, não havia uma única mulher a trabalhar<sup>55</sup>), os tanoeiros, os homens dos engenhos, os arrieiros, os burriqueiros, etc.

Num misto de crítica e estranheza, Edward refere que os portugueses das classes mais pobres são ladrões: «The Portuguese are reported to be great thieves – the lower classes»<sup>56</sup> e muitos são pedintes a implorar por esmolas, o que permite antever as condições socioeconómicas em que vivia a Madeira de então. Também o facto de os madeirenses gastarem dinheiro em cigarros enrolados ou em rapé, admirava o autor que não deixou, mesmo assim, de elogiar a sua amabilidade e simpatia com os estranhos e a aptidão para falar inglês. Enquanto os senhores da cidade, mais europeizados, se vestiam como os ingleses<sup>57</sup>, Edward não fugiu à habitual descrição dos trajés dos homens da cidade e dos homens do campo, dando especial enfoque ao uso da carapuça madeirense<sup>58</sup>, que mereceu um desenho no diário, talvez pela estranheza que causava:

a «calapoosa or cap [...] is made of blue broadcloth lined with red flannel. It is very small and what keeps it on the head I do not know. Of what use it is I do not know, unless it prevents their heads from being hurt by the burdens which they carry for it gives no shade to the eyes.

---

<sup>52</sup> WELLS, 1836-1837, *A Trip to Madeira* [...], p. 72

<sup>53</sup> De tal modo que Mr. Robert Page, sócio de Mr. Phelps, mandara construir uma casa de abrigo para os camponeses que, nestas viagens do campo para a cidade, se viam obrigados a passar a noite ao relento. WELLS, 1836-1837, *A Trip to Madeira* [...], pp. 84-85. Cf. SILVA, MENESES, 1998, *Elucidário Madeirense*, vol. III, pp. 40-41.

<sup>54</sup> WELLS, 1836-1837, *A Trip to Madeira* [...], p. 40.

<sup>55</sup> WELLS, 1836-1837, *A Trip to Madeira* [...], p. 18.

<sup>56</sup> WELLS, 1836-1837, *A Trip to Madeira* [...], p. 31.

<sup>57</sup> Driver referiu exatamente o mesmo aspeto: «in the city the dress of both male and female is entirely English», Cf. DRIVER, 1838, *Letters from Madeira* [...], pp. 18-19.

<sup>58</sup> Esta carapuça madeirense chamou a atenção de quase todos os que sobre a Madeira e seus costumes dedicaram algumas linhas. Cf. HABSBURGO, 2011, *Memórias da Minha Vida*, p. 22; MANTEGAZZA, 2010, *Um Dia na Madeira*, p. 25, p. 108; DRIVER, 1838, *Letters from Madeira* [...], p. 18.

Também as casas dos pobres foram alvo do seu olhar atento. Na cidade, fala em casas térreas, muito pequenas, com cobertura de palha ou de telhas, com uma minúscula parcela de terra para cultivo e com trepadeiras de vinha ou abóbora a cobrir os telhados. Os terrenos eram separados por muros ou canas e ele considera que os portugueses despendiam muito trabalho para conseguir formar os socalcos<sup>59</sup>. Já no campo, fala em casebres construídos com pranchas de madeira e telhados de colmo. Contrastando com as primeiras, havia também as casas das pessoas abastadas, com dois ou três pisos, construídas em pedra e bem rebocadas, onde normalmente existia um quintal, uma adega ou loja, e uma torre (um fascínio para Edward que adorava ver os navios ancorados na baía do Funchal)<sup>60</sup>. E havia, ainda, as Quintas, habitualmente possessão dos negociantes ingleses residentes na ilha, onde se encontrava uma enorme variedade de árvores, plantas e flores que maravilhavam qualquer visitante (Edward visitou, por exemplo, a Quinta dos Cedros, a Quinta dos Blandy e a Quinta do Palheiro Ferreiro).

No campo também existiam moradias mais abastadas ou Quintas mobiladas que, muitas vezes, serviam de abrigo temporário aos excursionistas estrangeiros que se aventuravam ilha dentro, mediante uma carta de recomendação que era entregue ao “agente” que cuidava das casas na ausência dos proprietários. Durante a sua estada na Madeira, a família Watkinson Wells empreendeu vários passeios pela cidade, pelo campo, pelas levadas, e excursões um pouco por toda a ilha. Para algumas localidades mais costeiras, o ideal era uma excursão de barco, o que aconteceu quando visitaram o Caniçal, com os seus depósitos de fósseis calcários, parando depois em Machico e em Santa Cruz, sempre com desembarque nas praias<sup>61</sup>. Nas excursões mais longas pelos vales e montanhas, levavam cavalos, redes, uma mula carregada com provisões, criados, arrieiros, burriqueiros, chegando, por vezes, o número destes a ser superior à comitiva excursionista. Num passeio a Santana, Edward relata:

«On a journey it is necessary to have three men to each Hammock, so that they can relieve each other alternately, and the one who is not at the Hammock will carry a carpet bag or basket or any thing you like. There is a Bouroquero for each hired horse. Our servants, António as cook, interpreter, etc., etc., and Jozé as our third Hammock man. We have a mule to carry our provisions and baggage, and the owner of the mule goes with him to take care of him and to drive him. In all, eleven men which might seem to one who had

<sup>59</sup> WELLS, 1836-1837, *A Trip to Madeira* [...], p. 17.

<sup>60</sup> WELLS, 1836-1837, *A Trip to Madeira* [...], p. 10, pp. 22 e 23, pp. 24-27.

<sup>61</sup> WELLS, 1836-1837, *A Trip to Madeira* [...], p. 106.

never been here more than necessary, but everyone is needed. In all eighteen persons including the baby»<sup>62</sup>.

Nos passeios pela cidade e pelo campo e nestas excursões maiores, Edward, sempre que podia, tirava algum tempo para desenhar as vistas que o atraíam. Ao longo do diário, contámos cerca de 15 as vezes em que afirma ter parado para fazer um esboço de alguma paisagem. Não tivemos acesso a estes esquisos, mas sabemos, através da dissertação de Emily Leonard, existirem na Connecticut Historical Society: «Edward's admiration of scenery is to be expected. He called himself an art teacher although he had few pupils and the sketches he did in Madeira were almost primitive»<sup>63</sup>. Já no próprio diário, o autor faz alguns desenhos de modo a ilustrar o que descreve e a eternizar aquilo que de diferente havia tocado a sua sensibilidade. Sabemos ainda que aquando da sua estada na Madeira, teve aulas de desenho com a senhorita Eliza Hayward<sup>64</sup> e que o cunhado, John Howard, pouco após a sua chegada à Madeira, lhe ofereceu «a portable drawing chair which will shut up in a small compass»<sup>65</sup>.

O facto de mencionarmos John Howard, leva-nos a outra temática abordada no diário de Edward Watkinson Wells: a Madeira como destino terapêutico para as doenças do foro pulmonar. Já no início do diário, o autor menciona a saúde debilitada de alguns dos companheiros de viagem no *Odessa*. Ao chegar à Madeira, como anteriormente referimos, soube da doença que afligia o cunhado e, ao longo do diário, vão aparecendo figuras – doentes e médicos – que reforçam esta ideia de que, em 1837, a ilha era já uma estância privilegiada para os doentes de tuberculose ou tísica pulmonar devido ao clima ameno que se vivia no inverno<sup>66</sup>.

Curiosamente, Edward, ao contrário de tantos outros autores, não se demora sobre o assunto dos *invalids* que vinham propositadamente para a Madeira em busca de cura para as suas enfermidades, mas escreve sobre a morte de algumas destas personagens e sobre os seus funerais: o corpo ficava na casa de algum conhecido, onde se juntavam alguns cavalheiros para o velório. Após este ritual, os homens dirigiam-se ao cemitério para a cerimónia fúnebre. Os funerais eram vedados às senhoras e à família do morto:

---

<sup>62</sup> WELLS, 1836-1837, *A Trip to Madeira* [...], pp. 83-84.

<sup>63</sup> LEONARD, 2015, *The Bard of Prospect Street*, p. 44.

<sup>64</sup> WELLS, 1836-1837, *A Trip to Madeira* [...], p. 34.

<sup>65</sup> WELLS, 1836-1837, *A Trip to Madeira* [...], p. 43.

<sup>66</sup> Driver afirma que no ano de 1834, cerca de 80 pessoas procuraram a ilha como espaço para recuperarem a sua saúde, enquanto que em 1837 esse número subiu para cerca de 300 *invalids* que queriam «avoid the enclément weather of England». DRIVER, 1838, *Letters from Madeira* [...], Prefácio, pp. IV-V.

«The custom here is different from that in the U.S. The Consul writes an order for the Interment, which order a certain person takes round to the gentlemen who would attend at the funeral and who sign their names to show that the man has done his duty in informing them. The Corpse is not seen at the funeral as it is in the U.S. We did not attend the funeral as it is not the custom here for any of the family to attend, or for any ladies»<sup>67</sup>.

Já quando se tratava de uma criança, o caixão era coberto com um pano branco, no lugar do habitual pano preto<sup>68</sup>, mas todo o procedimento era igual.

Edward ficou impressionado pelo facto de existirem dois cemitérios britânicos na Madeira: um para os estrangeiros residentes na Madeira e outro para os estrangeiros de passagem, de visita ou doentes (os *invalids*). Neste último era cobrada uma taxa de enterro:

«There are two English burying grounds, one for strangers and the other for residents. In the strangers burying ground the charge is 80 dollars for the ground and 80 dollars for permission to put a tombstone on the wall, for a stranger not an English man. For an Englishman only half the price is charged. Over the ground where a person is buried an image of a coffin is made in mortar or plaster on which only the name of the person and the day of his death is inscribed».<sup>69</sup>

Esta taxa revertia a favor da dívida contraída para a construção da Igreja Britânica<sup>70</sup> que também era frequentada pela família Wells, sendo o reverendo residente o senhor Richard Thomas Lowe<sup>71</sup>. O pai de Edward tinha alugado um espaço na igreja por um ano (não era possível alugar por menos tempo) e a família assistia aos serviços religiosos nas manhãs de domingo e quarta-feira<sup>72</sup>, como aliás o fazia a comunidade britânica residente na ilha, com as senhoras a chegarem em palanquins ou a cavalo seguidas pelos seus criados portugueses que vinham a pé e cuidavam dos quadrúpedes durante o serviço religioso<sup>73</sup>.

Edward também se encantava com todas as igrejas e capelas que encontrava. Visitava-as e, regra geral, descrevia-as no seu diário, desde a Catedral, à Igreja de São João Evangelista, Igreja de São Martinho, de Santo António, do Monte, capelas,

<sup>67</sup> WELLS, 1836-1837, *A Trip to Madeira* [...], pp. 42-43.

<sup>68</sup> WELLS, 1836-1837, *A Trip to Madeira* [...], p. 55.

<sup>69</sup> WELLS, 1836-1837, *A Trip to Madeira* [...], pp. 46-47. Vd. RODRIGUES, 2008, *A Madeira Entre 1820 e 1842* [...], pp. 206-207.

<sup>70</sup> Trata-se da Holy Trinity Church, ou Igreja da Santíssima Trindade (vulgo Igreja Inglesa) de culto anglicano. Fica situada na, hoje, conhecida Rua do Quebra-Costas, então Rua da Bela Vista.

<sup>71</sup> O Reverendo Richard Thomas Lowe (1802-1874) chegou à ilha da Madeira em 1832 e assumiu as rédeas da Igreja Inglesa no Funchal no ano seguinte, não tendo sido muito pacífica a sua relação com a comunidade britânica residente na ilha. Cf. GOUVEIA, 2008, *Phelps – Percursos de uma Família Britânica na Madeira de Oitocentos*, p. 129.

<sup>72</sup> WELLS, 1836-1837, *A Trip to Madeira* [...], p. 52.

<sup>73</sup> WELLS, 1836-1837, *A Trip to Madeira* [...], p. 13.

igrejas das vilas rurais, etc. Assistia também a variadíssimas cerimónias e descrevia, com algum detalhe, as procissões religiosas às quais presenciava, bem como as laicas com mascarados, tanto no Carnaval, como em qualquer dia festivo.

Outros fascínios notórios no diário de Edward Watkinson Wells são as tempestades<sup>74</sup>, o encantamento que o «Loo Rock»<sup>75</sup>, ou Forte do Ilhéu, nele provocavam, e os navios que escalavam a baía do Funchal, sobretudo se fossem americanos. Edward revela uma predileção pela escrita epistolar e diarística e não só vai registar tais entradas e saídas de navios, como deixará transparecer a sua desilusão pela ausência de cartas e jornais americanos ou, ao contrário, a sua satisfação pela chegada de notícias dos familiares e amigos.

Sempre que sabiam da saída de um navio rumo à América, apressavam-se a mandar cartas. No dia 3 de fevereiro de 1837, Edward escrevia: «We have not received a single letter since we left home, though several American vessels have arrived»<sup>76</sup>. Foi só no dia 6 de março desse ano que a família recebeu as primeiras cartas desde que haviam saído de casa, havia 125 dias. Eram cartas entre familiares onde se anunciavam mortes, doenças e assuntos domésticos<sup>77</sup>. Podia dar-se o caso de haver correspondência num porto de Londres, por exemplo, e de ser pedido, por carta, o dinheiro dos portes, para fazê-la chegar à Madeira. Também acontecia incluírem várias cartas<sup>78</sup> num subscrito dirigido a uma pessoa conhecida para que a correspondência fosse posteriormente entregue aos seus destinatários. Numa entrada de 9 de março de 1837, Edward escreve, a propósito das cartas que a família recebeu: «These letters were enclosed in a letter to Mr. Howard from Mr. Asa Bigelow Jr., who was so kind as to forward them by a vessel from Canary where they were received January 26<sup>th</sup> and this was the first opportunity of forwarding them here»<sup>79</sup>. Depois, voltam a receber 13 cartas e 5 jornais de Hartford, a 2 de maio de 1837. Os assuntos não variam muito do

---

<sup>74</sup> WELLS, 1836-1837, *A Trip to Madeira* [...], pp. 32, 60, 69.

<sup>75</sup> *Loo Rock* era a designação dada pelos estrangeiros ingleses ao Forte do Ilhéu ou Forte de Nossa Senhora da Conceição. A maioria dos testemunhos de viajantes estrangeiros sobre a Madeira não deixa de mencionar a sua existência.

<sup>76</sup> WELLS, 1836-1837, *A Trip to Madeira* [...], p. 43.

<sup>77</sup> WELLS, 1836-1837, *A Trip to Madeira* [...], p. 56.

<sup>78</sup> A propósito do percurso das cartas no século XIX e do facto de encontrarem sempre o seu destinatário, lê-se, por exemplo, em Goncharov: «Na Inglaterra e nas suas colónias, uma carta é um objecto sagrado que passa por dezenas de mãos, viaja por caminho-de-ferro e por outros meios, atravessa oceanos dum hemisfério para outro, e encontra infalivelmente a pessoa a quem foi enviada, naturalmente se esta ainda estiver viva, ou volta sem falta ao remetente, caso aquela pessoa tenha falecido ou regressado ao país de origem». Cf. GONCHAROV, 2011, *A Fragata Pallada*, p. 12.

<sup>79</sup> WELLS, 1836-1837, *A Trip to Madeira* [...], p. 57.

normal<sup>80</sup>. O tema das cartas é importante para Edward. Era uma maneira de manter-se em contacto com a sua família chegada e mais alargada e com os assuntos que a todos diziam respeito.

A partida da família Watkinson Wells da ilha da Madeira também chamou a nossa atenção pelo facto de, cerca de dez dias antes do acontecimento, e com certeza devido a atrasos de despachos e entregas, os Wells receberem dos Estados Unidos uma série de encomendas que chegaram no *Odessa* – o navio que os levaria de volta ao seu país –, onde se incluíam uma cadeira de balouço, que estava partida por ter vindo sem caixa, e uma cómoda. Prontamente, a família decide que tais peças seriam vendidas com as restantes no leilão que se aproximava e do qual fez eco a imprensa regional:

«R. C. d’Araújo faz público que terça-feira, 16 do corrente, faz venda pública da mobília, louças, vidros, trem de cozinha e um cavalinho com seus arreios, de que dispõem o Snr Wells, por se retirar desta Ilha. Este leilão terá lugar na casa que foi da residência do falecido José Caetano [sobrenome ilegível] ao Campo da Barca. Principia precisamente às 11 horas da manhã»<sup>81</sup>.

Receberam também alguns quadros que não chegaram a entrar na alfândega porque não valeria a pena pagar taxas uma vez que queriam levá-los de volta para casa. Na mesma encomenda vinha também um bolo rico, numa caixa de lata, que após o pagamento do respetivo imposto, Jane distribuiu por alguns amigos do Sr. Howard<sup>82</sup>.

O diário de Edward Watkinson Wells foca muitos aspetos para além dos que foram por nós mais salientados. Na verdade, ele regista aquilo que para ele é o diferente: a paisagem e as belezas naturais, os costumes, os traços arquitetónicos, a caracterização da economia, os pontos de interesse “turístico”, a magnificência das igrejas e capelas, etc. Uma das diferenças civilizacionais entre o *eu* do diário e o *outro* descrito refletem-se, neste caso particular, na dicotomia riqueza e pobreza. Edward, oriundo de uma família abastada, mostra-se sensível e empático com a classe mais pobre (com o custo e as condições de vida), com as crianças sujas que mendigam, se bem que numa altura do seu diário chega a mostrar alguma repugnância pelos imensos mendigos que os perseguiram por Machico durante a sua visita àquela localidade.

<sup>80</sup> WELLS, 1836-1837, *A Trip to Madeira* [...], pp. 103-104.

<sup>81</sup> *A Flor do Oceano*, 1837, n.º 20, p. 4.

<sup>82</sup> WELLS, 1836-1837, *A Trip to Madeira* [...], p. 110.

Esta subjetividade, que faz com que seja impossível separar a escrita diarística da sociedade que moldou o seu autor, torna os relatos de viagem únicos: o observador, ao descrever a mesma ilha, as mesmas gentes e os mesmos costumes, fá-lo de acordo também com a sua bagagem cultural e de acordo com o motivo que o levou a escrever. Assim, podemos dizer que explorámos um texto que não exhibe exatamente uma coerência narrativa ou estética e que, sendo uma escrita de si e para si, para sua própria memória futura, não tem o cuidado de polvilhar o seu relato de emoção para o tornar mais atraente, ou seja, deixa de lado a ficção. Desta forma, o espaço de relevo é destinado à experiência e à temporalidade do ambiente vivido, através de uma memória individual que se torna coletiva à medida que, hoje, são exploradas as dimensões históricas dessa narrativa.

Dada esta importância da pesquisa nos arquivos, para resgatar e revitalizar a memória pessoal, cultural e histórica presente nestas narrativas que tão bem caracterizam um povo e uma época, apraz-nos voltar a convocar Maria dos Remédios Castelo Branco quando refere que considera indispensável fazer um levantamento crítico deste tipo de obras que compõe a literatura de viagens e assim «aguçar o apetite de leitores, de investigadores e de instituições que possam promover pesquisas, algumas fora do país – leia-se “subsidiar as verbas necessárias” – no sentido de um levantamento e estudo tão completo quanto possível de obras e autores»<sup>83</sup>. Assim se desmistifica o processo de investigação, quando nos é possível provar que a história pessoal, neste caso diarística, como inestimável recetáculo de informações, pode – e deve – cruzar-se com a pesquisa académica, sendo possível incorporar as narrativas de viagem, o trabalho da memória, na historiografia.

## **Corpus**

WELLS, Edward Watkinson, 1836-1837, *A Trip to Madeira, October 28, 1836 to June 25, 1837 – The Journal of Edward Watkinson Wells*.

WELLS, Edward Watkinson, PERRY, Katherine E., 1971, *Madeira Fragments. I A Trip to Madeira 1836-1837, being the Journal of Edward Watkinson Wells, and II. Extract from the Diary of Miss Katherine E. Perry who came to Madeira in October 1844*, Blandy Graham (ed.), Published by Re-copied for Graham Blandy, Funchal.

---

<sup>83</sup> CASTELO BRANCO, 1986, «Testemunhos de Viajantes Ingleses Sobre a Madeira», pp. 199 e 209.



## Periódicos Citados

*A Flor do Oceano*, 11 de dezembro de 1836, n.º 106, Funchal.

*A Flor do Oceano*, 25 de fevereiro de 1837, n.º 4, Suplemento, Funchal.

*A Flor do Oceano*, 14 de maio de 1837, n.º 20, Funchal.

## Bibliografia Citada

AGRELA, Tânia, 2005, *Notas sobre a Madeira na Literatura de Viagens Inglesa (1850-1894)*, Dissertação de Mestrado em Cultura e Literatura Anglo-Americanas, Funchal, Universidade da Madeira.

ARAGÃO, António, 1981, *A Madeira Vista por Estrangeiros: 1455-1700*, Funchal, Secretaria Regional da Educação e Cultura, Direcção Regional dos Assuntos Culturais.

CASTELO BRANCO, Maria dos Remédios, 1989, «Testemunhos de Viajantes Ingleses sobre a Madeira», in *Actas do I Colóquio Internacional de História da Madeira, 1986*, Funchal, GRM, SRTCE, DRAC, pp. 198-246.

CASTELO BRANCO, Maria dos Remédios, 1990, «Perspectivas Americanas da Madeira», in *Actas do II Colóquio Internacional de História da Madeira, 1989*, Funchal, Comissão Para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, pp. 453-468.

DIX, John A., 1851, *A Winter in Madeira and a Summer in Spain and Florence*, New York, Holdradge.

DRIVER, John, 1838, *Letters from Madeira in 1834; with an appendix illustrative of the History of the Island, Climate, Wines, and other information up to the year 1838*, London, Longman & Co., Appendix 1.

FRAGA, Maria C., 2011, «Literatura de Viagens: Quando Nós Somos o Outro», in *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, 20, pp. 394-401.

GONCHAROV, Ivan Alexandrovich, 2011, *A Fragata Pallada*, col. À Esquina do Mundo, vol. III, trad. Alberto Taddei, Parede, Sopa de Letras.

GOUVEIA, Cláudia Faria, 2008, *Phelps – Percursos de uma Família Britânica na Madeira de Oitocentos*, Funchal, Funchal 500 Anos.

HABSBURG, Maximiliano, 2011, *Memórias da Minha Vida*, col. À Esquina do Mundo, vol. IV, trad. Duarte Mendonça, Parede, Sopa de Letras.

- KORTE, Barbara, 2008, «Chrono-Types: Notes on Forms of Time in the Travelogue», in ZILCOSKY, John (ed.), *Writing Travel: the poetics and politics of the modern journey*, Toronto, Buffalo, London: University of Toronto Press Incorporated, pp. 25-53.
- LEONARD, Emily, 2015, *The Bard of Prospect Street – The Journal of Edward Watkinson Wells, 1841-1851*, Transcribed, Digitalized and Annotated with an Explanatory Introduction, Dissertação de Mestrado, Connecticut, Trinity College.
- MANTEGAZZA, Paolo, 2010, *Um Dia na Madeira*, col. À Esquina do Mundo, vol. II, trad. Laura Moniz, Parede, Sopa de Letras.
- MARCH, Charles W., 1856, *Sketches and Adventures in Madeira, Portugal, and the Andalusias of Spain*, New York, Harper & Brothers.
- MATOS, Rui Campos, 2016, *A Arquitectura do Turismo Terapêutico, Madeira e Canárias, 1800-1914*, Tese de Doutoramento, Lisboa, Universidade de Lisboa.
- NOVA, Pierre, 1998, *Les Lieux de Mémoire*, Paris, Gallimard.
- RODRIGUES, Paulo, 2008, *A Madeira entre 1820 e 1842: Relações de Poder e Influência Britânica*, col. «Funchal, 500 Anos», n.º 21, Funchal, Empresa Municipal Funchal 500 Anos.
- SHORE, Emily, 1891, *Journal of Emily Shore*, London, Kegan Paul, Trench, Trübner & Co., Ltd.
- SILVA, Padre Fernando Augusto, MENESES, Carlos Azevedo, 1998, *Elucidário Madeirense*, vols. I, II, III, Funchal, DRAC.
- WILKES, Charles, 1852, *Narrative of the United States Exploring Expedition, During the Years 1838, 1839, 1840, 1841, 1842*, London, Ingram, Cooke & Co.
- S.A., 1826, *Rambles in Madeira and Portugal in the early part of MDCCCXXVI*, London, C. & J. Rivington.

### **Webgrafia citada**

- ALVES, Graça, 2020, «Gabinetes de Leitura», in *Aprender Madeira*, disponível em <http://aprenderamadeira.net/article/gabinetes-de-leitura>, consultado a 25 de fevereiro de 2020.
- COGEANU, Oana, 2014, «What Makes Travel Literature?», in *The International Journal of Humanities and Social Studies*, vol. 2, n.º 6, disponível em [www.theijhss.com](http://www.theijhss.com), consultado a 20 de fevereiro de 2021.

Collection: William Wells Family Papers, Call Number: MS 546, in *Archives at Yale*, disponível em <https://archives.yale.edu/repositories/12/resources/3097>, consultado a 21 de maio de 2021.

Collection: William Wells Family Papers, Call Number: MS 546, Folder mssa\_ms\_0546\_genealogical charts, in *Archives at Yale*, disponível em [http://mssa.altfindingaids.library.yale.edu/mssa.ms.0546/mssa\\_ms\\_0546\\_genealogical\\_charts.pdf](http://mssa.altfindingaids.library.yale.edu/mssa.ms.0546/mssa_ms_0546_genealogical_charts.pdf), consultado a 21 de maio de 2020.

MENDONÇA, José Tolentino, 19 de agosto de 2017, «Desembarcar na Madeira – Guia ao Espanto Insular», in *Jornal da Madeira*, pp. 1-13, disponível em <https://www.jornaldamadeira.com/2017/08/19/desembarcar-na-madeira-guia-ao-espanto-insular/>, consultado a 3 de março de 2021.